



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL  
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO CIÊNCIAS SOCIAIS E  
HUMANAS – LICENCIATURA**

**ODIVAM FRANCO SILVA**

**O MODELO FABRIL NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL SEMENTE DA  
CONQUISTA, PARA ASSENTADOS DA REFORMA AGRÁRIA**

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2019**

**ODIVAM FRANCO SILVA**

**O MODELO FABRIL NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL SEMENTE DA  
CONQUISTA, PARA ASSENTADOS DA REFORMA AGRÁRIA**

Trabalho de conclusão do curso como requisito parcial para obtenção do título de graduada no curso Interdisciplinar em Educação do Campo - Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS - Campus Laranjeiras do Sul PR.

**Orientadora:** Prof.(a) Dra. Maria Eloá Gehlen

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2019**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Silva, Odivam Franco  
O MODELO FABRIL NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL  
SEMENTE DA CONQUISTA, PARA ASSENTADOS DA REFORMA AGRÁRIA  
/ Odivam Franco Silva. -- 2019.  
31 f.

Orientadora: Doutora Maria Eloá Gehlen.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso  
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais  
e Humanas-Licenciatura, Laranjeiras do Sul, PR , 2019.

1. Modelo fabril. 2. Ensino Médio. 3. Reforma  
agrária. 4. Camponeses. I. Gehlen, Maria Eloá, orient.  
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ODIVAM FRANCO DA SILVA

**O MODELO FABRIL IMPLANTADO NA ESCOLA DO CAMPO EM  
ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA, EM ABELARDO LUZ, SANTA  
CATARINA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Laranjeiras do Sul.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Eloá Gehlen (UFFS)

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 03/12/2019

BANCA EXAMINADORA:



---

Profa. Dra. Maria Eloá Gehlen (UFFS)  
Presidente / Orientador(a)



---

Prof. Dr. Fábio Luiz Zeneratti (UFFS)  
Avaliador(a)



---

Prof. Dr. Roberto Antônio Finatto (UFFS)  
Avaliador(a)

## RESUMO

A pesquisa tem por tema o modelo fabril no Ensino Médio na Escola Estadual Semente da Conquista, para assentados da reforma agrária e possui o objetivo de analisar os reflexos do modelo fabril nessa escola, localizada no assentamento 25 de Maio, no município de Abelardo Luz/SC. A metodologia é de natureza qualitativa, mediante entrevistas semiestruturadas com 03 estudantes, (01 egresso e 02 estudantes um de cada série do Ensino Médio, 01 funcionário da escola e 01 professor), assim como pesquisa documental e revisão bibliográfica. Percebe-se que a estrutura da escola é planejada para ser de uma forma padrão, com referência para as indústrias ou para o mundo do trabalho, gerando uma “habilitação” para o mercado; foi efetuada a observação participante da escola e pesquisa de campo com a análise dos objetos e espaços na estrutura da Escola Estadual Semente da Conquista: muros, filas, horário, regras, o formato das janelas, as divisões do espaço (secretaria, salas de aula, cozinha, almoxarifado, sala da direção). Essa arquitetura é importante para a naturalização do espaço da fábrica. O trabalho visa demonstrar quais são as reais funções de um educandário de Ensino Médio, no espaço camponês, tendo em vista ela ser importante na vida dos educandos, filhos de assentados da reforma agrária. O trabalho pretende compreender como a escola está presente, no dia a dia dos educandos e como, coisas simples como uma janela, um muro, ou um sino para garantir os horários, definem e mudam a condição de estudantes-cidadãos para força de trabalho a ser vendida no mercado.

**Palavras chave:** Modelo fabril, Ensino Médio, Reforma agrária, Camponeses

## **ABSTRACT**

The research has as its theme the high school factory model at the Semente da Conquista State School, for agrarian reform settlers, and its objective is to analyze the reflexes of the factory model at this school, located in the 25 de Maio settlement, in Abelardo Municipality. Luz / SC. The methodology is qualitative in nature, through semi-structured interviews with three students (one graduate and two students, one from each high school grade and one school staff), one school employee and one school teacher, as well as documentary research and literature review. It can be seen that the structure of the school is designed to be of a standard form, with reference to the industries or the world of work, generating a "qualification" for the market, the students from the school space. Participant observation of the school and field research will be carried out with the analysis of objects and spaces in the structure of the Seed of Achievement State School: walls, queues, schedule, rules, the shape of the windows, the space divisions (office, classrooms, kitchen, storeroom, board room). This architecture is important for the naturalization of the factory space. The work aims to demonstrate what are the real functions of a high school student in the peasant space, considering that it is important in the life of the students, children of agrarian reform settlers. The work aims to understand how the school is present, in the day to day of the students and how, simple things like a window, a punch, or a bell to guarantee the schedules, define and change the condition of student-citizens to workforce. be sold on the market.

**Key words:** Factory model, High school, Agrarian reform, Peasants

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
2.	<b>CAPÍTULO I - HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO 25 DE MAIO, EM ABELARDO LUZ/SC.....</b>	<b>10</b>
2.1	CAPITULO I - DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA INGLATERRA À ESCOLA NO MODELO FABRIL EM UM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA.....	16
3.	<b>CAPÍTULO II - A VOZ DE QUEM PARTICIPOU OU PARTICIPA DA ESCOLA, NO MODELO FABRIL, EM UM ASSENTAMENTO DA REFORMA AGRÁRIA.....</b>	<b>23</b>
4.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema visa compreender o funcionamento e a estrutura da Escola Estadual de Ensino Médio Semente da Conquista, no Município de Abelardo Luz, no oeste catarinense. Ela encontra-se inserida no sistema capitalista e a pesquisa visa verificar quais os modelos que moldam essa escola pública e se encontram presente nos espaços dela e passam despercebidos, por estar naturalizados.

O tema a ser estudado foi motivado pela curiosidade, pois as escolas encontram-se estruturadas da mesma forma que se apresentam na cidade, mesmo estando situadas no campo. Nota-se que as faces da escola representam muito mais do que aparenta.

É mais que uma “casa gigante” onde os alunos encontram-se com a finalidade de aprender e ter conhecimento. A dúvida que permeou foi: o que a escola pública ensina para os camponeses? Por que a escola é cercada? Ela possui regras feitas por quem e para quem obedecer? há autoritarismo? Por que fundaram uma escola assim estruturada para os camponeses? Por que há uma padronização nas escolas públicas do estado de Santa Catarina?

Como filho de assentados da reforma agrária, fascinado pela educação e a complexidade do processo educativo, passei 12 anos em salas de aula, nessa escola a ser pesquisada. Por ter essa instituição tão presente em minha história pretendo entender a importância que ela possui, para os estudantes-camponeses.

O espaço escolar deixa marcas nos educandos e esses traços ficam impregnados nos estudantes e por isso geraram o interesse pela pesquisa. Trago a lembrança forte do autoritarismo do diretor, daquelas janelas pequenas com grades enormes. Lembro das filas, das cobranças, dos horários, as disputa por notas e o incentivo dado pelos professores e pedagogos davam esses detalhes. Também ficava a me indagar: aqueles muros gigantes, para que mesmo?

Compreendo a origem da escola pública, do modo que hoje se apresenta, com a marca de uma história que permeia a realidade de uma fábrica. Além disso, a escola pública do campo pode ser considerada como uma preparação para a vida em sociedade, assim como uma organização direcionada para o mercado de trabalho.



Assim, surgiu a vontade de estudar e entender os reflexos do modelo fabril na Escola Estadual Semente da Conquista. Uma escola de Ensino Médio, localizada no assentamento 25 de maio, de reforma agrária, no interior do Município de Abelardo Luz, no oeste catarinense.

O desejo de pesquisar e entender, esse espaço, é influenciado pela visão de mundo e a realidade dos educandos. Também possui interesse em desejar compreender como a escola transforma e organiza a vida de quem a frequenta. É importante entender se há diferença na escola para os pobres camponeses e na escola para os ricos, no meio urbano? Também é necessário compreender como o reflexo do modelo fabril se apresenta em uma escola pública localizada em um assentamento da reforma agrária, para os filhos dos camponeses.

A escola é uma das instituições responsáveis pela formação da sociedade civil, pois todos os cidadãos que passam por ela podem vir a aprimorar seus conhecimentos e ter muitas aprendizagens. Ela é considerado junto com a família a instituição mais presente ao longo de nossa vida, pois é na escola onde passamos boa parte de nossos dias. Por este motivo, faz-se necessário uma pesquisa nessa escola com o objetivo de identificar os reflexos do modelo fabril, em uma situação de assentamentos da reforma agrária.

O estudo desse tema é relevante e tem relação pessoal, visto que passei muito tempo da vida nessa escola sem entender qual a era sua finalidade, sem entender o porquê dos muros, das filas, dos gritos “fiquem quietos”, dos horários e de algumas lembranças que me amedrontam até hoje. O autoritarismo, a colocação do medo e o respeito à autoridade, seja ela qual for, para que existem?

Mais tarde, percebi que a escola é uma preparação para a fábrica. Desde então, surgiu a necessidade de conhecer mais a respeito desse espaço no qual pretendo ser profissional. A relação com o tema diz respeito ao entendimento dos reflexos do modelo fabril na Escola Estadual Semente da Conquista, no.

O objetivo dessa pesquisa visa analisar os reflexos do modelo fabril nessa escola, localizada no assentamento 25 de Maio, no Município de Abelardo Luz/SC.

A metodologia é de natureza qualitativa, mediante entrevistas semiestruturadas com 03 estudantes, (01 egresso e 02 estudantes um de cada série

do Ensino Médio e 01 funcionário da escola e 01 professor desse educandário), assim como pesquisa documental e revisão bibliográfica.

Assim, inicialmente apresento o assentamento 25 de maio com a sua história. Na sequência, lembro a luta dos camponeses pela escola estadual Semente da Conquista, de Ensino Médio e a sua efetivação.

Após, verifico a Revolução Industrial na Inglaterra e os conceitos necessários para compreender a existência de uma escola pública estadual, no modelo fabril, dentro de um assentamento de reforma agrária.

Na continuidade, trago a narrativa de suas vidas, na voz dos entrevistados pertencentes ou egressos dessa escola pública no campo.

## **2. CAPÍTULO I - HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO 25 DE MAIO, EM ABELARDO LUZ/SC**

O Município de Abelardo Luz, encontra-se localizado no oeste do estado de Santa Catarina. Ali é que se encontra a escola pública objeto dessa pesquisa; ele tem um contexto marcado pela luta, de trabalhadores Sem Terra e meeiros contra os fazendeiros. Também há indígenas das etnias Guarani e Kaingang os quais lutaram e lutam pelo seu território; entendemos o Município, em um contexto atual, para ser exato a partir da década de 1980. Antes desse período ele era diferente pois, era totalmente dependente do Município de Xanxerê/SC e tinha sua economia, naquela época, baseada na extração da erva mate, madeiras nativas, na pecuária e na agricultura.

A população Abelardense possui uma miscigenação presente em sua composição habitacional, pois há descendentes de europeus que realizaram a migração para o sul do Brasil, além de muitos indígenas e também uma percentual grande de negros, vindos do centro sul brasileiro.

Mesmo com a composição diversa dos habitantes, nos anos de 1970 à 1980, o que tornava eles tão comuns era a exploração sofrido por parte das famílias tradicionais, consideradas as pioneiras daquela região. Esses núcleos familiares possuíam propriedades significativas, além disso, eles também possuíam comércios locais como pequenas padarias, mercadinhos tradicionais, pousadas e moinhos.

A maior parte dessas famílias possuíam serrarias para a extração de madeiras de lei, antes abundante no Município, além deles realizarem uma extração exacerbada de erva mate. Hoje, elas encontram-se presente economicamente, porém não são mais o carro chefe, do Município, como já foram outrora.

Na década de 1980, o Município de Abelardo Luz (ele era chamado de 7 Quedas devido os seus pontos turísticos), passava por um processo de avanço no paradigma agropastoril, principalmente, no que diz respeito ao modelo do agronegócio. Foi na década de 60 que a produção de soja deu um salto. São as grandes plantações de soja que tomaram proporção significativa e mecanizada.

Essa peculiaridade foi importante para esse espaço, pois a partir dessa produção, notasse que há 40 anos passados ocorreu o ingresso do capital da semente de soja, devido a sua condição geológica e climática favorável.

O Município de Abelardo Luz, está localizado no oeste de Santa Catarina, possui como marca de sua história, um processo de organização popular ocorrida na década de 1980, pois havia um processo grande de concentração de terras combinado com o êxodo rural, fenômeno muito forte na época; havia a existência de famílias numerosas de pequenos agricultores na maioria descendentes de europeus, sem condições de ter terras para seus filhos, pois, quem concentrava a terra eram os descendentes de colonizadores e de europeus.

Era visível nessa comuna, o contraste entre grandes quantidades fundiárias e à grande miséria da maioria dos moradores do Município, que viviam em condições sub humanas, Esse fato, foi sem dúvida, uma das principais ferramenta de mobilização, além da auto organização feita pelos meeiros, cansados de serem enganados pelos fazendeiros. Os que mais viveram essa realidade da concentração das riquezas nas mãos de poucos, foi a população Sem Terra: filhos de pequenos produtores e pequenos proprietários, com pouca terra, comparado ao grande número de filhos.

Essa população era conhecida por viver, perambulando de fazenda em fazenda, realizando empreitadas para ter o sustento de seus filhos. As questões, acima apontadas, levaram a uma reviravolta épica na realidade do Município, pois a lutas dessas famílias de pequenos produtores e dos Sem Terra mudaram o contexto do território Abelardense.

Anteriormente, esse Município possuía uma renda per capita baixa, além de não possuir muitas alternativas de produção, para que houvesse uma mudança significativa no contexto dessa localidade.

O Município possui produções diversificada como relata, uma apresentação de dados, realizadas pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária. (INCRA, 2015), em uma sessão da Câmara de Vereadores, em Abelardo Luz, Santa Catarina:

“Nos assentamentos de Abelardo Luz são produzidos cerca de 48 mil litros de leite todos os dias e 17 milhões de litros ao ano. Os assentados possuem,

ainda, produção diversificada de alimentos. São 784 famílias produzindo milho (9 mil toneladas), 604 produzindo feijão (453 toneladas), 652 famílias cultivam mandioca (588 toneladas) e 707 possuem hortas que rendem 107 toneladas de hortaliças ao ano. Os assentados desenvolvem também a piscicultura, produzindo 86 toneladas de pescados anualmente. A apicultura é outra atividade geradora de renda, com 589 colmeias produzindo 4 toneladas de mel ao ano". (INCRA, 2015).

Atualmente, é uma comuna referência na produção agrícola e também na pecuária, pois, o Município integra uma bacia leiteira de renome estadual. Destaque que a maioria da produção sai da zona rural dessa localidade, onde se encontram hoje os assentamentos da reforma agrária.

O Município possui 21 assentamentos de reforma agrária com uma produção diversificada, que contribui mais de 75% na produção de alimentos da comuna, além de serem os maiores consumidores do comércio local. Eles representam a imensa parte da economia da localidade. Ainda há grandes produtores, mas eles fazem questão de consumir roupas, calçados e demais produtos em cidades vizinhas, assim contribuindo pouco com a arrecadação de impostos desta comuna.

A Escola Estadual Semente da Conquista, está localizada no Município de Abelardo Luz, Santa Catarina, na comunidade rural 25 de maio. Foi muito importante a construção da escola, pois tanto ela quanto o seu povo tem raízes na luta pela terra.

Devido a fortes mobilizações e o ocupações feitas pelos Sem Terras e filhos de pequenos proprietários, aconteceu em 25 de maio de 1985, a primeira ocupação no estado de Santa Catarina. Essa data gerou o nome da comunidade. Ela é um marco de luta pois cerca de 1.500 famílias, articulados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) ocuparam uma área de 20 mil hectares, no interior da localidade.

Era uma fazenda dividida em dois espaços: a fazenda Pauan 1 e a fazenda Sandra, pertencentes a família Goldin de Araújo. Segundo o relato de uma liderança a ocupação da fazenda Pauan 1, em 1985: "Foi uma luta, um desafio, porque precisávamos de terra, saúde, escola, para que os filhos dos Sem Terra pudessem se apropriar do conhecimento que tinham lhes negado até então". (Líder MST, 2019)

A luta pela construção da escola foi sem dúvida uma conquista, pois já haviam escolas nas comunidades, mas elas estavam passando por um processo de nucleação, no ano de 2002.

Mesmo sem ter condições de abrigar tantos educandos, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2017, p.03), “No mês de julho de 2002 foi criada uma extensão da EEB Professor Anacleto Damiani, no Assentamento 25 de Maio. Essa extensão começou a funcionar com uma única turma, contando com 25 alunos, 05 professores e 01 coordenadora.”

Durante esse período de nucleação, as aulas eram dadas e a escola funcionava em um prédio de madeira conquistado pelas lutas e reivindicações da comunidade dos assentados da reforma agrária, juntamente com o MST, isso em 2002.

No ano de 2003, a escola já possuía 02 turmas de 1ª série do Ensino Médio. No ano de 2004, já haviam mais 02 turmas de 1ª série e 02 turmas da 2ª série, contando com 9 professores, 100 alunos e a Coordenação da escola.

Na sequência, em 2005, as estruturas que eram fornecidas pelo Município já não comportavam o elevado número de educandos interessados, em fazer Ensino Médio naquele assentamento.

Essa escola estava recebendo mais de 100 alunos, de 16 assentamentos da reforma agrária, de toda a comuna. Era o momento de se organizar e gerar mobilizações para buscar uma estrutura, de melhor qualidade, que abrigasse de forma adequada todos os educandos.

Uma contenda foi travada, no sentido, de que os estudantes pudessem continuar os estudos fazendo o Ensino Médio, na comunidade, sem ter que se deslocar para outra escola longe e por várias horas, andando nos ônibus.

Aconteceram muitos debates, mobilizações e a audiência pública para pressionar o poder público, no sentido de ser criada uma escola de Ensino Médio que atendesse a demanda dos 100 estudantes, filhos de assentados da reforma agrária.

Esta audiência pública foi convocada por membros da comunidade e pela Associação de Pais e Alunos ou Mestres, (APP) da escola referida. Houve grande participação dos alunos, pais e da comunidade. Ela aconteceu no espaço da escola e

foi escrita 01 ata, também 01 abaixo assinado, garantindo e demonstrando as necessidades de estruturar-se uma escola de Ensino Médio, naquele assentamento.

Os estudantes, filhos de assentados da reforma agrária, não possuíam condições econômicas de frequentar uma escola na cidade, além de não ter transporte escolar, assim como algumas distâncias passavam de 50 km.

Outra dificuldade que aparecia forte é que os filhos de assentados precisavam trabalhar no seu lote, juntamente com sua família, para tirar da terra o seu sustento.

Com essas condições impostas a única alternativa seria sair do campo para morar na cidade, único local que possuía uma escola de Ensino Médio. Essa era uma dificuldade visto que havia o questionamento; por que colocar os filhos para morar na cidade? Isso representa uma custo enorme para as famílias, visto as condições financeiras impeditivas, naquela época, de cobrir os gastos na manutenção dos filhos estudando na cidade.

Tendo em vista a ocorrência das reivindicações, aconteceram negociações com a Gerência Regional de Educação e assim o assentamento conquistou um novo prédio, construído no período do Governo estadual de Luiz Henrique da Silveira, em 2006.

Foi um conquista histórica, não somente por que se construiu um prédio novo ou uma escola ampla com qualidade, mas também porque houve uma contenda conjunta do assentamento, no qual conquistou-se o direito à construção da Escola Estadual Semente da Conquista e também da Escola Estadual Paulo Freire. No assentamento 25 de maio e no assentamento Jose Maria.

Toda essa luta pelo direito ao Ensino Médio gerou um litígio acirrado pela construção do espaço escolar, tendo em vista que, a localidade de Vagem Bonita no meio oeste catarinense, também havia requerido uma escola e estavam com o processo em andamento no Ministério da Educação.

Desse modo, foi aberto uma competição para ver qual localidade teria mais demanda. Na análise do número de estudantes com necessidades do Ensino Médio, foi efetuada a contagem do número de matriculados, que haveria na futura escola.

Houve então, um processo gigante de retomada da educação para os educandos, que haviam parado de estudar, ou que ainda estavam para se formar no ano de 2005 para 2006.

Por fim a comunidade da 25 de maio venceu por 02 matriculados e conseguiu a instalação da Escola Estadual Semente da Conquista e também, outra escola de Ensino Médio para a comunidade vizinha, o assentamento Jose Maria. É uma região com muitos jovens precisando ter acesso à instrução na época. A escola Paulo Freire foi construída, na região do assentamento José Maria, no interior da comuna de Abelardo Luz, em Santa Catarina.

Daí o nome da escola EEM Semente da Conquista. No ano de 2006, frequentavam a escola 135 alunos em 06 turmas do Ensino Médio, nos turnos matutino e vespertino. Havia 16 professores – sendo 01 efetivo e os demais com acordo de contrato temporário(ACT) e 01 diretor na escola.

Hoje é uma escola autônoma que tem a liberdade para discutir e construir em conjunto com a comunidade o seu próprio Projeto Político Pedagógico. Segundo o PPP, (2017, p. 030) “Ao longo dos anos seguintes foram surgindo novas turmas. Até que no ano de 2005, 66 alunos, filhos de assentados, concluíram o Ensino Médio e fizeram a primeira formatura com os alunos da extensão do Assentamento 25 de Maio”.

A escola hoje, conta com 73 alunos divididos em 04 turmas de Ensino Médio. O grupo docente tem ensino superior e moram nas áreas do assentamento. Essa aproximação com a realidade do educando, permite compreender as faltas nos dias de chuva e também como é difícil o fato de não ter acesso a internet e aos demais meios tecnológicos. Isso permite e aumenta as possibilidades de trabalhar de uma forma interessante, com uma metodologia diferenciada aos estudantes do campo.

Além disso, a relação de proximidade entre os estudantes e os professores da comunidade, enriquece a relação entre educador e educando, pois eles têm uma vivência, fora dos muros da escola, seja no ônibus, ou seja nas comunidades onde residem. A questão da aproximação entre quem ensina e quem aprende gera uma troca de conhecimentos com maior qualidade.



O espaço físico da escola é composto por 03 salas de aula, 01 cozinha, 01 lavanderia que divide espaço com o almoxarifado, 01 sala de informática dividindo o espaço com 01 pequena sala de apoio ao estudante com necessidades especiais (SAED); nesse momento havia 03 educandos com deficiência cognitiva; há, banheiros masculinos e femininos (os professores não têm banheiro específico, eles utilizam o espaço destinado aos alunos); há 01 sala dos professores e 01 secretaria, a qual divide seu espaço com a biblioteca. A escola atende as leis de acessibilidade, mas seu espaço é insuficiente para atender a demanda.

O espaço escolar é verde com diversos jardins, além de possuir um pátio gramado com árvores e flores. A vida escolar e a vida no campo são próximas. É muito visível a presença de animais que são de posse dos assentados que residem nas imediações da escola, como galinhas e vacas, vistos nas proximidades da escola, assim naturalizando ainda mais a vida no campo com o espaço escolar.

Porém, há que se ter conhecimento do início da industrialização na Inglaterra, com a Revolução Industrial e o surgimento da escola para os filhos dos camponeses, que tiveram que abandonar suas terras e ir viver na cidade, como operários. É a época do liberalismo econômico, de alguns negarem a escola para os pobres. É o que será efetuado a seguir.

## 1.1 CAPITULO I - DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA INGLATERRA À ESCOLA NO MODELO FABRIL EM UM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA

A Revolução Industrial aconteceu na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, ela encerrou a transição entre o feudalismo e o capitalismo, a fase de acumulação primitiva do capital e da preponderância do capital mercantil sobre a produção. Ela completou o movimento da revolução burguesa iniciada na Inglaterra, no século XVII.

Uma das primeiras indústrias foi a fábrica de seda movida a água de John Lombe, no Derby, na Inglaterra, em 1721.

A primeira indústria que se tem relato vem da produção têxtil, alinhada com a grande produção de ovelhas, com a finalidade de extração de lã na Inglaterra, no início da Revolução Industrial.

Esse processo industrial foi muito severo com os pequenos camponeses que tiveram que sair de suas casas, migrando para as cidades próximas, visto que as terras comunais (onde efetuavam a coleta de frutos, retiravam a lenha), foram cercadas pelos senhores proprietários, para a criação de ovelhas a qual se atribuiu grande valor no mercado, para a indústria têxtil nascente.

Esses camponeses foram parar nas cidades, morar em cortiços insalubres, vendendo sua força de trabalho assim como das suas crianças e mulher, por um preço miserável, com jornadas de trabalho desumanas de 14 a 16 horas.

Devido as condições de trabalho muitos acidentes aconteciam, não havendo nenhuma garantia previdenciária de seguro, aos trabalhadores os quais mutilados ficavam à mercê da caridade das igrejas.

Apesar de todos esses dissabores, Adam Smith (1988, p.198) olhando da janela, à realidade da sua época na Escócia, assim defendia que "quando essa riqueza real da sociedade estaciona, os salários são logo reduzidos ao estritamente suficiente para possibilitar-lhe [ao trabalhador] manter uma família, ou seja, perpetuar a descendência dos trabalhadores" Para esse autor, um dos clássicos da economia e do liberalismo, quando os lucros decrescem, pagam-se salários ao trabalhador no mínimo indispensável para mantê-los vivos e as suas famílias, para assim reproduzir a força de trabalho.

O modelo fabril é um termo utilizado para definir o modelo industrial que substituiu as ferramentas pelas máquinas, a energia humana pela energia motriz, o modo de produção doméstico pelo sistema fabril e assim constituiu-se a Revolução Industrial; Chamou-se Revolução, em função do enorme impacto na estrutura da sociedade, em um processo de transformação acompanhado por notável evolução tecnológica.

Nesse sentido há um autor que foi contra o processo de educação popular como cita Thompson, (historiador inglês na obra *Costumes em Comum* (1998, p. 15).

Ele é o economista e filósofo liberal Mandeville, que escreveu o livro *a Fábula das Abelhas*, em 1723, quando advertia os seus pares no sentido de que:

[...] para que a sociedade seja feliz e o povo tranquilo nas circunstâncias mais adversas, é necessário que grande parte dele seja ignorante e pobre. O conhecimento não só amplia como multiplica nossos desejos [...]. Portanto, o bem-estar e a felicidade de todo Estado ou Reino requerem que o conhecimento dos trabalhadores pobres fique confinado dentro dos limites de suas ocupações e jamais se estenda (em relação às coisas visíveis) além daquilo que se relaciona com sua missão. Quanto mais um pastor, um arador ou qualquer outro camponês souber sobre o mundo e sobre o que é alheio ao seu trabalho e emprego, menos capaz será de suportar as fadigas e as dificuldades de sua vida com alegria e contentamento. (THOMPSON, 1998, p. 15)

Thompson (1998, p. 15) explica que para Bernard de Mandeville, os trabalhadores não deveriam aprender a ler, nem a escrever e contar. Isso seria por demais prejudicial ao camponês e lógico, ao burguês.

Mandeville, liberal do século XVIII (hoje ele é sobejamente ignorado pela burguesia), revela o medo da classe dominante que o arador, o pastor, o homem do campo tenha conhecimento, podendo esses aprendizados nas escolas, gerarem tensões e ameaças à tranquilidade da burguesia. Ele defendeu que “é necessário que grande parte dele seja ignorante e pobre”.

Porém, as modificações profundas na sociedade aconteceram e com o nome de Revolução Industrial. Ela também foi o motivo da criação das escolas, com o objetivo de preparar os operários para as fábricas, pois para trabalhar, eles precisavam saber como as máquinas funcionavam, ter os conhecimentos e as orientações básicas, de como ligar e desligar as máquinas, como consertá-las, daí então se populariza a escrita e leitura, no meio do operariado.

A Revolução industrial mudou muitos setores da sociedade. Um dos espaços ocupados por esse modelo foi a escola, que antes era uma instituição menos popularizada. Agora com a necessidade de preparação da massa operária qualificada, a escola se fazia cada vez mais necessária.

Mas, da Inglaterra da época do nascedouro da indústria fabril, passamos para uma escola pública em um assentamento de reforma agrária, no Brasil, no estado de Santa Catarina, no Município de Abelardo Luz, denominada 25 de maio.

Para dialogar a respeito a respeito do reflexo do modelo fabril no Brasil e a escola de uma assentamento de reforma agrária, tornasse necessário clarear alguns conceitos, deste modelo industrial como disciplina, ordem, submissão e mais-valia.

Na questão da disciplina Vasconcellos (1994, p.34) nos alerta “a sociedade espera que a sala de aula seja um lugar de submissão, de seleção natural, de domesticação”. Importante essas considerações da escola pública como lugar de amansar os estudantes, adestrá-los para o trabalho.

Porém para Gramsci (1982 p.36) a disciplina deve formar o aluno “como pessoa capaz de pensar, dirigir ou de controlar quem dirige”. O pensador italiano de forma assertiva entende os estudantes como sendo preparados para comandar ou monitorar quem detém o poder, como cidadãos ativos aptos a pensar e dirigir.

Entendo que a efetivação de uma democracia na escola, depende da democratização da sociedade, onde não se aplica mais a “Lei de Gerson” de levar vantagem em tudo, de querer o poder a qualquer custo, de tratar a todos de forma igualitária.

Foucault, na sua obra Vigiar e Punir, aborda a importância e a eficácia da educação escolar como um sistema prisional. A perspectiva de se tornar um corpo dócil e útil é o objetivo de instituições como a escola (1987). Para esse autor a rotina e a disciplina do trabalho “transforma o prisioneiro violento, agitado irrefletido em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade” (1987p 216). Assim, o ladrão se constitui em um operário.

Para Foucault “a disciplina aumenta as forças do corpo em termos econômicos e de utilidade e diminuem essas mesmas forças, em termos de obediência”. (1987 p.127)

O trabalho tem sido enaltecido, no sentido de que os ricos são os que mais trabalham. Há o estigma ao ócio como o pai de todos os vícios. A exaltação do trabalho feita pela classe dominante funciona como uma contrapartida da desvalorização do trabalhador.

Na medida em que o trabalho, para maioria da população, é sofrimento faz-se necessário dourar a pílula no sentido de que uma pessoa digna é a que trabalha. Para Savtchenk (1987, p.7) o trabalho é a atividade racional do homem com a qual ele se adapta com os objetos da natureza, de modo a satisfazer suas necessidades.

Paul Lafargue (1983, p.25-37) afirma que

“Na sociedade capitalista, o trabalho é a causa de toda degeneração intelectual, de toda deformação orgânica. Ele defendeu a necessidade que é preciso que ele o operário se obrigue a não trabalhar, mais que três horas por dia, não fazendo mais nada, só festejando pelo resto do dia e da noite.”  
(LAFARGUE, 1983, P. 25-37)

Entendo que o autor, acima citado, está defendendo o ócio criativo. Aquele mediante o qual as pessoas podem exercer sua criatividade, elaborar seu pensamento, sem necessidade de horas intermináveis de trabalho exaustivo.

Guareschi (1988, p.33) reflete a respeito do trabalho alienado explicando que “o trabalho se constitui na condição de realização humana, onde ele se exterioriza e se dignifica, assim também pode ser ele a fonte de degradação quando deixa de estar sobre o domínio do homem”.

Um autor clássico é Marx (1984) para quem o trabalho externo ao trabalhador, não faz parte de sua natureza, e por conseguinte, ele não se realiza em seu trabalho, mas nega a si mesmo e tem um sentimento de sofrimento em vez de bem estar, não desenvolve livremente suas energias físicas e mentais, mas fica fisicamente exausto e mentalmente deprimido. Marx realizou um trabalho valioso na Inglaterra na área da economia, ao dissecar as raízes do capitalismo e as causas da exploração do trabalhador

Para esse autor, um clássico da economia, a explicação da mais-valia refere-se a forma de exploração característico do capitalismo. Consiste ela, na diferença entre o valor do produto e o valor do capital despendido no processo de produção. Para ele é apenas o trabalho que produz valor. Assim entendo que a única forma dos trabalhadores criarem valor é empregar-se a serviço de um capitalista. Ele está impossibilitado de vender o produto de seu trabalho, então é obrigado a vender a sua capacidade de trabalhar, a sua força de trabalho. Em troca ele recebe um valor necessário apenas para repor suas energias e forças.

Em um trecho de sua obra maior *O capital* Marx (2006, p.578) explica os dois tipos de mais-valia: a mais valia absoluta que se realiza com o prolongamento da jornada de trabalho e a apropriação pelo capital do trabalho excedente desenvolvido; e a mais-valia relativa, método que permite produzir em menor tempo o equivalente ao salário, com processos técnicos de trabalho, ou seja com a tecnologia.

Entende White (1957 apud Thompson 1967, p.272), a forma perversa dos proprietários dos meios de produção, pois “se o nosso primeiro patrão já pretendia roubar nosso suor, o segundo vai mais além, pois quer nós levar o suor e a alma.”

Atualmente, Candido defende (2012) que a cultura que domina a escola, tem como referência” o modelo fabril”, o qual se encontra profundamente enraizado, no pensamento e na prática de cada indivíduo da sociedade, portanto dentro do ensino e da comunidade escolar.

Também, essa autora, coloca o paradigma educativo atual como esconderijo de uma força subjetiva passada por rituais e campanhas, para indicar horários de entrada e saída, recreação, filas, separação das crianças por faixas etárias, castigos, punições, recompensas, benesses e poder. Um ensina, o outro aprende.

Pelo exposto, o modelo de funcionamento das escolas ainda é baseado no modelo fabril herdado da Revolução Industrial; os professores são os operários e os alunos a matéria prima, a quem cabe obedecer ao horário estabelecido, a disposição das vertical das carteiras, a submissão ao rigor de hierarquia, o dobrar-se às excessivas cobranças de notas, também gerando a exaustão do professor com a excessiva carga diária.

A escola pública, principalmente nos Estados Unidos, foi pensada a luz da educação fabril. Bobbitt publicou, em 1918 a obra *The Curriculum*, cujas ideias da escola convergem no sentido de que deveria organizar seus objetivos e estabelecer métodos para medir os resultados, como nas empresas. A eficiência do ensino estava vinculada com as aprendizagens necessárias ao trabalho no sistema fabril. Portanto as crianças deveriam ser treinadas, adestradas “para adquirir estas habilidades exigidas ao exercício das ocupações profissionais na vida adulta”.

A escola pública brasileira tem na sua constituição, as influências do sistema educacional tecnicista americano. A educação brasileiro desenvolveu, seu aporte

pedagógico, com práticas curriculares tayloristas-fordistas reproduzindo uma cultura imitativa do funcionamento do modelo fabril, conforme nos assegura Azevedo (2007).

Meneses (2001) cita que a maioria dos jovens brasileiros, especialmente nas áreas rurais, muitos nem chegam a frequentar a escola de Ensino Médio. As indústrias, por muitas décadas continuaram empregando operários sub qualificados em suas linhas de montagem, na construção civil ou no serviço doméstico.

Com a terceira Revolução Industrial, a globalização exige mão de obra qualificada. Esta transformação tem atingido a juventude brasileira, por uma demanda de maior escolaridade. Isso têm levado os jovens, em escala sem precedentes, a permanecerem na escola após os Ensino Fundamental, afim de se qualificarem para os empregos.

É fácil perceber que mais de 2/3 dos alunos no Ensino Médio terão outra destinação que não o Ensino Superior. Sairão da Escola Média para trabalhar como empregados, ou para o desemprego, ou sub emprego. Em suma, a escola está servindo a estes jovens ou está assumindo o triste papel de depósito de mão de obra ociosa?

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n.º 9.394/96), no art. 35, caracteriza o Ensino Médio como "a etapa final da educação básica, que deve promover a preparação básica para o trabalho e cidadania, a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual, assim como a compreensão dos fundamentos científicos tecnológicos, dos processos produtivos das ciências das letras e das artes, do processo histórico da transformação da sociedade e adotará metodologias que estimulem a iniciativa dos estudantes".

A lei aponta o Ensino Médio para a formação da juventude, para o exercício de uma cidadania plena e não para mero treinamento profissional. Além de questionar é importante ouvir a voz dos estudantes que estão no Ensino Médio, de quem já concluiu essa modalidade de ensino, de um professor e um funcionário dessa escola.

### **3. CAPÍTULO II - A VOZ DE QUEM PARTICIPOU OU PARTICIPA DA ESCOLA, NO MODELO FABRIL, EM UM ASSENTAMENTO DA REFORMA AGRÁRIA**

A pesquisa desse trabalho foi efetuado com 02 estudantes da escola, 01 egressos do Ensino Médio, 01 professor e 01 funcionário da Escola Estadual Semente da Conquista, localizada no assentamento 25 de maio na localidade de Abelardo Luz, em Santa Catarina.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Também, foi garantido o sigilo aos entrevistados, os quais serão apresentados com nomes fictícios. A análise do conteúdo das entrevistas foi efetuada mediante os ensinamentos de Bardin (2008).

O entrevistado Gumercindo relatou que para ele “a escola é um lugar de encontro, para esquecer os problemas de casa, um refúgio das dificuldades do mundo”.

Ele é um jovem marginalizado na comunidade local, com um histórico familiar eivado de problemas. Ele observa a escola como uma saída e a única solução para seus problemas econômicos e sociais. Ele não percebeu ser essa escola uma ferramenta de exclusão.

Quando questionado a respeito do papel da escola, ele se manifestou “as vezes falo que odeio estudar, porém vejo que esse lugar, essas pessoas farão falta, vou lembrar delas. Minha mãe não tem estudo. Quando vai para a cidade, sofre bastante, estudar não é fácil, mas é preciso” (Gumercindo,2019)

Quando foi perguntado a respeito da semelhança da escola com a fábrica, ele respondeu “Meu Deus! Não tinha observado. Mas, fico pensando, se aprendemos a viver a escola desse jeito, como poderíamos ter aulas de forma diferente? Sem competição, sem horários, sem notas. Tudo isso a que estamos acostumados...” (Gumercindo,2019)

Esse entrevistado revela, que pode vir a ser aquele, que realiza um trabalho alienado, onde o empregado não se dá conta da exploração efetuada pela classe dominante. Sem criticidade, nem imaginação ele não pensa na possibilidade de haver



uma escola diferente do que aquela que está acostumado. Mas também, traz reflexões desafiadoras relacionado a mudanças no modelo educacional, muito significativas.

Ao ser indagado a respeito do mercado de trabalho, como a escola padroniza para que haja mão de obra com condições de técnicas de operar uma máquina, fazer o trabalho duro da indústria. Ele respondeu “que se não tivesse escola, ainda assim haveria fábricas do mesmo jeito. Acontece o problema, acho que está na competição, por causa do estímulo para as notas. Eu não tinha reparado o quanto marca a escola, em termos competitivos, o nível de zombar dos outros colegas com dificuldades em algumas matérias. A exigência está muito grande e que cada vez mais precisamos de estudo, mas teria que se diferente, teria que motivar o interesse pelo conhecimento não pela nota”.

O Entrevistado Gumercindo revela que o maior problema na escola é a competição e o estímulo pelas notas, assim como o desprezo com aqueles que possuem dificuldades em algumas disciplinas.

Em seguida, entrevistei o Osmildo, o qual disse “a escola pra mim e como se fosse tipo minha família, sei lá algo assim, eu tenho amigos aqui e querendo ou não é uma boa parte da nossa vida aqui dentro; eu tipo converso com as ´pessoas que já se formaram e eles falam da falta que isso aqui faz, que depois, perde o contato com os colegas. Além disso, vir pra escola dá, não sei uma certa segurança”.

Ao ser indagado a respeito da escola como modelo fabril disse “sobre a pergunta sim, exatamente, eu sempre imaginei pra que serve esse muro? será que é mesmo pra manter a gente seguro, ou pra segurança da escola? tipo têm umas coisas como as filas... eu já tinha ouvido falar dessa questão, acho bem verdade que parece uma fila de montagem, daquelas tipo fordista e tal, na verdade acho melhor em círculo a gente se sente mais próximo, mais unido sabe.”

Esse educando revelou possuir consciência e criticidade ao dar-se conta do porquê dos muros, também ao comparar as filas da escola com as linhas de montagem em estilo fordista, com início nos Estados Unidos.

Na sequência Osmildo falou “a escola é o mesmo tipo da Aurora (fábrica) na vida, por que a gente tem que andar de ônibus, um monte tem horário pra entrar, tem

uniforme, tem fila pra isso, fila pra aquilo, tem que pedir permissão pra ir no banheiro tem que pedi permissão pra tudo. E o pior é que muitas vezes temos que nos submete as vontades do professor, do diretor e tal, na verdade todo mundo que manda na gente, na escola.” Ele continuou dizendo “o trabalho é necessário e difícil hoje em dia. Meu Deus, o quanto tem sido complicado paras as pessoas que saem da escola, mais a gente que vive em uma cidade, sem muita oportunidade de escolha”.

Esse estudante se deu conta das exigências da escola serem semelhantes àquelas da fábrica Aurora, que fica lá perto, com horários, filas, muita gente mandando neles, além da cidade não ter muitos empregos, sem muitas escolhas.

Na sequência, entrevistei o professor Bianor, o qual disse que “para eu a escola é como uma preparação para o mundo, mas o que está em discussão aqui é de que mundo estamos falando? com certeza não é o que nós gostaríamos de criar nossos filhos. Pois a escola de longe é uma preparação para o mundo do trabalho onde nossos jovens, venderão seus tempos de vida a troco de papel e para que sejam bons acumuladores de papel, precisam começar as disputas desde cedo, competido por nota, se igualando em uniforme, mas se separando por boletins. Quando estudei não tinha noção do que eu queria, mas sabia que não ia chegar lá sem estudo, sem leitura e dedicação; isso foi desenvolvido pela competição por notas, mas foi desenvolvida de certa forma (...) o único problema dessa escola nos moldes fabril é, sem dúvida, a disputa selvagem como preparação para o mundo”.

Nas palavras do professor Bianor, que infere ser a escola uma preparação para o mundo do trabalho, onde os estudantes venderão seu tempo de vida, em troca de papel. Por isso na escola há disputa por notas, há competição, o uniforme é igual para todos, como nas fábricas.

Ele relata sua experiência pessoal com dedicação, com estudo mas, também com competição por notas. Para ele, o único problema dessa escola é a “disputa selvagem por notas”.

Na sequência, entrevistei um egresso dessa escola, o Eudacir que relatou “a escola me ajudou a conseguir as coisas que tenho, emprego, oportunidade e outras coisas consideradas como sucesso ou sei lá. Mas a escola fez também com que eu tivesse uma certa obrigação de disputar vagas, por que nós apresentamos currículo onde dava; eu acho que por ela, ter sido uma preparação pra fábrica, eu me adaptei

e hoje trabalho numa indústria que liga pra isso, a fábrica Aurora estimula o melhor de cada pessoa de forma individual.

O egresso, dessa escola Eudacir, entende que a escola de Ensino Médio que frequentou, em área de assentamento da reforma agrária, o preparou para ir trabalhar na Indústria Aurora, a qual estimula o progresso de cada pessoa de forma individualista.

Em seguida, entrevistei um funcionário dessa escola, o Arquimedes que respondeu “a escola pra mim é importante por que o estudo é fundamental pra gente. Acho que essas coisas tipo horários, fila, muros são importantes sabe, isto é, até por que eu não sei se conseguiriam ensinar esses alunos, de hoje, se fosse de uma forma diferente, mais livre, sabe”.

O funcionário Arquimedes, de uma forma simples, explana que é importante a escola ter fila, muros, horários. Ele possui dúvidas se conseguiriam ensinar os estudantes de outra maneira, com ampla liberdade.

A seguir, passo para as considerações finais.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema visou compreender o funcionamento e a estrutura da Escola Estadual de Ensino Médio Semente da Conquista. Ela encontra-se inserida no sistema capitalista. A pesquisa foi dirigida para verificar quais os modelos que moldam essa escola pública, se encontram presente nos espaços dela e passam despercebidos por estarem naturalizados.

O tema estudado foi motivado pela curiosidade, pois, as escolas encontram-se estruturadas da mesma forma que se apresentam na cidade, mesmo estando situadas no campo, atendendo filhos de assentados da reforma agrária.

A dúvida que permeou a pesquisa foi referente a pensar: o que a escola pública ensinou ou ensina para os filhos dos camponeses? Por que a escola é cercada? Ela possui regras feitas por quem e para quem obedecer? há autoritarismo? Por que fundaram uma escola assim estruturada para os filhos dos trabalhadores rurais? Por que há uma padronização nas escolas públicas do estado de Santa Catarina?

Por esses motivos foi necessário realizar uma pesquisa, nessa escola, com o objetivo de identificar os reflexos do modelo escolar fabril para os filhos de assentados da reforma agrária.

Assim, inicialmente, apresentei o assentamento 25 de maio em Abelardo Luz/SC com a história desse local. Na sequência, recordei a contenda dos camponeses pela Escola Estadual de Ensino Médio Semente da Conquista e a sua efetivação.

Após, verifiquei a Revolução Industrial na Inglaterra e os conceitos necessários para compreender a existência de uma escola pública estadual, no modelo fabril, dentro de um assentamento de reforma agrária.

Na continuidade, apresentei a narrativa de 2 estudantes do Ensino Médio, 01 egresso dessa escola, 01 professor e 01 funcionário todos pertencentes ou egressos, dessa escola pública no campo.

Interessante verificar, a forma alienada da escola pública no campo conduz suas atividades. Isso se revela, de forma forte, no primeiro estudante entrevistado o

Gumercindo. Ele não revelou criticidade e nem ter-se dado conta do modelo fabril que funciona, nessa escola.

Já o segundo entrevistado, o Osmildo, ele está ciente de ser esta uma escola preparatória para a fábrica, com filas, horários, andar de ônibus, uniforme, seguir regras, ser mandado por muitas pessoas na escola.

Conforme o relato do professor Bianor, ele verifica uma “disputa selvagem” por notas, que estimula a competição e prepara os estudantes para vender seu tempo na fábrica Aurora, nas imediações do assentamento.

O egresso dessa escola, o Eudacir enfatizou que essa escola o preparou bem para ir trabalhar na empresa Aurora, a qual estimula que cada pessoa progrida de forma individual. Ele notou que a disputa por notas o auxiliou na competição pelo emprego.

O funcionário Arquimedes deseja que existam muros, filas, horários senão é impossível dar ensino e controlar os estudantes, caso eles tenham liberdade.

Conforme as entrevistas relataram a Escola pública de Ensino Médio Semente da Conquista, situada em um assentamento da reforma agrária, de forma contrária ao desejado pelos camponeses, prepara os seus filhos (estudantes) para serem operários cordatos, submissos, obedientes às hierarquias; eles sabem fazer filas, usar uniformes, conformar-se com muros e dispostos a individualmente realizar uma “disputa selvagem” na vida pelos empregos, principalmente, na indústria Aurora perto do assentamento, o que é um contrassenso.

Dessa escola não ouvi nenhum relato, que ela discuta agroecologia, alimentos orgânicos, comida saudável; nada dos cuidados a serem tomados com os agrotóxicos; o que plantar, como plantar, como colher, o cuidado que se há de ter com os animais. Tudo enfim, que é do interesse da vida dos camponeses.

É uma escola de Ensino Médio pública, tradicional, como no ensino urbano, implantada em um assentamento de reforma agrária, de maneira equivocada. Com uma proposta de formar e tornar operários, os filhos de camponeses assentados da reforma agrária.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Jose Clovis. **Educação Pública: O desafio da qualidade.** Estudos avançados volume 21 número 60 São Paulo 2007.

BRASIL. INCRA. **Apresenta dados sobre assentos na câmara de Abelardo Luz.** Disponível em: <http://www.incra.gov.br/noticias/incra-apresenta-dados-sobre-assentamentos-na-camara-de-abelardo-luzsc>. Acesso em: 19/06/2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** (Lei n.º 9394/96 artigo 35), disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf) , Acesso em 12/11/2019.

Candido Francisca Francineide. Ponto de vista sobre os sistemas educativos e a perspectiva de mudança paradigmática. Revista psico pedagogia volume 29 número 88, São Paulo 2012.

GUARESCHI, Pedrinho; Ramos, Roberto. **A máquina capitalista.** Petrópolis, vozes 1988.

LAFARGUE, Paul. **O direito a preguiça** São Paulo, kairos 1983.

MARX, Karl. **Manuscritos de 1844.** Buenos Aires cartago1984.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política.** Livro 1, volume 2 tradução de Reginaldo Sant\*Anna – 21 edição Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006.

MENESES Luis Carlos. **O novo público e a nova natureza ensino médio.** Estudos avançados, volume 15, número 42, São Paulo, 2001

SANTA CATARINA. **Projeto político pedagógico.** Abelardo Luz, Escola Estadual Semente da Conquista, 2017.

SAVTCHENKO, P. **O que é o trabalho?** Moscou progresso 1987.

SMITH, Adam. 1723-1790. **Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações.** Tradução de Luiz João Baraúna. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Economistas).

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: libertad, 1994.

Whyte J R. W.W. Therorganizacionman. Gard City, 1957. Apud: Thompson, V. A. **Moderna organização**. Rio Janeiro, Usaid, 1967, p.272.